

# THORZINHO

Revista Literária

ISSN 3086-3961

Volume I – Núm. 05 – 07 de junho de 2026



Imagem: *Silvane Fernandes*

**Contos - Página 03**

*Komm mein süßes Käuschen!*

# CATS FROM FRANCE

*French Cats*



Please welcome now with eager eyes  
These two intel-  
*Louis Wain.* ligit Allies  
Just come from France to learn to speak  
The English language in a week!

# *Palavras aos leitores e às leitoras*

A cada nova edição da Revista Thorzinho, nosso coração se enche de gratidão. Esta revista existe graças à generosidade de pessoas que acreditam que a literatura pode ser uma ponte entre o ser humano, os animais e a natureza. Por isso, queremos agradecer profundamente a todos os nossos colaboradores, que mais uma vez atenderam ao nosso chamado de amor, respeito e cuidado com todas as formas de vida.

Cada texto recebido é uma semente lançada em solo fértil. São palavras que sensibilizam, despertam consciências, promovem empatia e nos lembram que os animais não são seres invisíveis. Eles sentem, amam, sofrem, esperam e compartilham conosco este planeta que chamamos de lar. Através da escrita, nossos colaboradores ajudam a construir um mundo mais gentil, mais justo e mais compassivo.

Também queremos agradecer aos nossos leitores, que caminham conosco edição após edição. Vocês são a razão de continuarmos acreditando neste projeto. Cada mensagem recebida, cada comentário carinhoso e cada demonstração de apoio nos lembra que não estamos sozinhos. Existe uma rede de pessoas que acredita no afeto como forma de transformação e no cuidado como caminho para uma sociedade melhor.

*Aproveitamos esta edição para compartilhar uma novidade. Estamos em busca de um editor ou editora para colaborar com nossas revistas. Procuramos alguém que ame a literatura, a filosofia, a sociologia e as artes, alguém que goste de pensar o mundo com sensibilidade e criatividade, trazendo novas ideias, projetos e possibilidades para fortalecer nossas publicações. Mais do que experiência técnica, buscamos uma pessoa que compreenda o valor humano deste trabalho e que deseje construir conosco um espaço de acolhimento, reflexão e beleza.*

A Revista Thorzinho não possui fins lucrativos. Ela nasceu do desejo de transformar dor em cuidado, tristeza em esperança e solidão em companhia. Em um mundo cada vez mais acelerado, queremos oferecer uma pausa, um abraço em forma de palavras, um lugar onde seja possível respirar um pouco mais devagar e reencontrar a delicadeza.

Tudo o que temos para oferecer é afeto. Tudo o que cultivamos é cuidado. Tudo o que desejamos é caminhar ao lado de pessoas que acreditam que a bondade ainda é capaz de mudar realidades.

Que esta edição chegue até você como quem chega à casa de um amigo. Que suas páginas tragam serenidade aos dias difíceis, inspiração aos dias criativos e esperança aos dias de incerteza. E que continuemos juntos, cuidando dos animais, da natureza, das pessoas e dos sonhos que nos mantêm humanos.

Com carinho e gratidão,

**As editoras**

Please notice that in Italy some girls are glad to use  
A very simple headdress and a curious pair of shoes.



# Contos

## A grandeza da natureza em processo curativo

Ariane de Medeiros Pereira

Caicó/RN

Havia dias em que a alma parecia não caber dentro do próprio corpo. Era como se carregasse um vazio sem nome, uma ausência tão profunda que nenhuma palavra conseguia explicar. Ao despertar, sentia-se partida em incontáveis fragmentos, espalhados por lugares que sequer conhecia. Tentava recolher-se, mas quanto mais procurava por respostas, mais encontrava silêncio.

Numa dessas tardes, saiu sem rumo. Não sabia exatamente para onde ia, apenas seguia. Os pés avançavam por estradas empoeiradas, enquanto o coração percorria caminhos ainda mais áridos. O vento levantava a terra seca e a fazia dançar pelo ar, como se refletisse a inquietação que habitava seu interior.

Caminhava entre campos vastos e horizontes distantes. Observava o céu mudar de cor lentamente, enquanto os pensamentos insistiam em girar sem encontrar repouso. Perguntava-se sobre a vida, sobre as perdas, sobre os sonhos que não haviam florescido. Perguntava-se, sobretudo, por que algumas dores permaneciam por tanto tempo dentro de alguém.

Mas a natureza parecia não ter pressa para responder.

Ao longo do caminho, uma árvore antiga ofereceu sua sombra generosa. Ela sentou-se sob seus galhos e, pela primeira vez naquele dia, silenciou. Escutou o canto dos pássaros, o murmúrio das folhas tocadas pelo vento e o som distante de um riacho escondido entre as pedras.

Foi então que percebeu algo curioso: a natureza não lhe dava respostas. Em vez disso, ensinava-lhe a conviver com as perguntas.

Nos dias seguintes, voltou inúmeras vezes àquele refúgio. Caminhava por trilhas cercadas de flores silvestres, observava o voo livre das borboletas e contemplava o lento trabalho das nuvens desenhando figuras no céu. Cada elemento parecia lhe oferecer uma lição invisível.

As árvores permaneciam firmes mesmo diante das tempestades.

Os rios seguiam seu curso apesar dos obstáculos.

As flores floresciam sem pedir permissão ao mundo.

Pouco a pouco, aquilo que carregava dentro de si começou a mudar. As mãos já não tremiam tanto. A respiração encontrava ritmos mais suaves. Os pensamentos deixavam de correr em

disparada e passavam a caminhar devagar, como quem aprende novamente a apreciar a jornada.

Sempre que retornava à cidade, sentia o peso das preocupações tentando reencontrá-la. O barulho, as exigências e as inquietações humanas ainda a alcançavam. Porém, algo havia se transformado. Dentro dela existia agora uma lembrança constante: a do vento entre as árvores, do perfume da terra molhada e da serenidade dos campos.

Com o tempo, compreendeu que a natureza não havia eliminado suas dores. Havia feito algo ainda mais precioso: ensinara-a a respirar através delas.

E assim descobriu que, quando a alma adoce de excesso de ruído, de pressa ou de desilusão, existem remédios que não se encontram em frascos nem em palavras. Estão escondidos no canto dos pássaros, no balanço das folhas, no abraço silencioso das matas.

Desde então, sempre que o mundo se tornava pesado demais, ela sabia para onde voltar.

Sabia que, entre árvores, rios e horizontes infinitos, existia um lugar onde sua alma conseguia, mais uma vez, encontrar-se consigo mesma.

Falta de alerta não foi. Tampouco ausência de informações a apenas um clique nos computadores. Adicionam-se seminários, entrevistas, estudos, questionamentos e embates em periódicos, que sempre abordaram o tema eleito como o mais relevante da recente história da humanidade. Esta já sentia as consequências. A tênue linha fronteira entre prudência e progresso acrítico há muito havia sido desrespeitada, em especial pelas maiores potências econômicas, que jamais deixaram de produzir e consumir desenfreadamente.

A descuidada e irresponsável interferência humana afetou de tal forma os ecossistemas, que o resultado não poderia ser outro: desequilíbrio climático, secas implacáveis e enchentes de grandes proporções, além de extinguir espécies da fauna e da flora por todo o Planeta. O sofrimento foi irrestrito; não havia nações imunes ao grave problema.

Vive-se o ano 2077. Pode-se inferir que a grande vilã do desequilíbrio ambiental, no Brasil, foi mesmo a ganância. O País, outrora dito “pulmão do mundo”, modificou-se, conta, apenas, com resquícios dos tempos de pujança verde. Pouco restou da vegetação original de seus seis biomas.

Quando o Brasil assumiu o protagonismo na produção e exportação de alimento para os demais países, a cada ano a fronteira agrícola se expandia, devorava a vegetação original dos diversos biomas, substituindo-a por monoculturas de soja, milho, algodão, entre outros e, ainda, a criação do maior rebanho de gado bovino do planeta.

A sobrevivência da humanidade se deparava com enormes dificuldades dado o desequilíbrio dos ecossistemas.

Nesse cenário de infortúnios trabalha a equipe de pesquisadores chefiada por Mila, ou melhor, Ludmila Alcântara, uma das mais importantes cientistas do Brasil. A essa equipe se deve a lenta, mas gradual recuperação dos biomas brasileiros, com espécimes provenientes de um banco genético e de sementes, herdado de antiga empresa estatal, que já não mais existe.

Mundialmente conhecidos os trabalhos dessa equipe, eis que representantes do governo libanês a procuram, a fim de contratá-la para missão de suma importância: impedir a extinção do cedro libanês (*Cedrus Libani*) árvore estampada na bandeira daquela nação, que representa força e imortalidade.

Mila viu-se diante de um enorme desafio. Lidar com um espécime pouco estudado

por ela. Aceitou o embate e agarrou-se ao conceito de imortalidade da flâmula libanesa para guiar os trabalhos.

Uma motivação da célebre cientista ao aceitar o convite deriva de sua ascendência paterna; o avô de Mila era libanês. O pai dela jamais se afastou de suas raízes. Adicionalmente, as boas relações entre Brasil e Líbano, influenciaram Mila diante do hercúleo trabalho em busca de árvores matrizes pelos países próximos ao Líbano, a fim de cloná-las, mas não encontrou sequer um bom exemplar do cedro verdadeiro. As poucas existentes aparentavam problemas graves de reprodução.

A comunidade científica, ainda que preocupada com a situação dos humanos, começava a esmorecer o entusiasmo. Por mais que se empenhassem, os resultados dos embates com o poder constituído se assemelhavam ao castigo de Sísifo, dada a falta de eco por seus esforços e o eterno recomeço. O filósofo Heródoto, muitos séculos atrás, defendia que das penas humanas, talvez a mais dolorosa seja a de prever acontecimentos e não poder evitá-los. Essa dor era sentida pelos cientistas ao constatarem o crescimento frequente da já extensa lista de espécies extintas, apesar dos esforços.

Rodeada por pares cada vez mais desmotivados, Mila procurava alguma salvaguarda. Em sua casa admirava representações holográficas de recordações, documentos e imagens antigas da família real brasileira. De repente, uma luz. Havia sim, uma possibilidade. Estava exposta no Museu Imperial de Petrópolis: o trono de cedro com o qual D. Pedro II fora apresentado quando de sua viagem ao Líbano, em meados de 1876. Com os conhecimentos e tecnologia atuais, talvez houvesse como recuperar o DNA do *Cedrus Libani* e devolver ao planeta, mas em especial ao povo libanês um de seus símbolos mais importantes.

A descoberta reforçou o entusiasmo de Mila, que convenceu os gabaritados técnicos em clonagem de sua equipe. Diante da argumentação da plêiade de cientistas, o responsável pelo acervo do Museu franqueou o acesso ao Trono Imperial outrora utilizado por D. Pedro II e torceu pelo o êxito da empreitada. Contudo, a cada pequenina lasca retirada de um objeto tão antigo e único, sentia-se como se dele extraíssem unhas sem anestesia.

Devido à idade do Trono, não se sabia ao certo se a intenção dos cientistas se concretizaria. Identificar a espécie havia sido possível, era mesmo a árvore que constava da bandeira do Líbano. Restava o passo mais complexo e decisivo: criar mudas de cedro a partir de células do móvel. O cedro possui como característica a reprodução monoica, dependendo apenas de si mesmo para dar origem a novos indivíduos, isso parecia ser um bom presságio.

Mila trabalhava sem descanso. Sua mente, vez em quando divagava a recordar escritos de Pedro II quando da viagem ao Líbano: “... A partir de hoje começa um mundo novo.

O Líbano ergue-se diante de mim com seus cimos nevados, seu aspecto severo, como convém a essa sentinela da Terra Santa...”.

Era como se Mila revivesse as paisagens vistas por D. Pedro II, monarca que detinha especial interesse pela cultura árabe e que foi muito impactado pela visita ao Líbano. Esgotada e abalada pelos resultados frustrantes das inúmeras tentativas, depois de três dias consecutivos e sem descanso, a equipe entendeu ser necessária uma pausa.

O curador do Museu Imperial de Petrópolis convidou os cientistas para pernoitarem em sua residência. Acabara ele próprio permanecendo lado a lado com aquelas pessoas e suas geringonças.

Ao despertar depois de uma inquietante noite, Mila caminhava para lá e para cá próxima ao Trono Imperial. Buscava inspiração ao pensar em Pedro II. Olhou mais de perto aquele belíssimo trabalho artesanal realizado por profissionais muito hábeis. Detalhes de precisão neurocirúrgica. Mas “o que é isso?”, questionou Mila a si mesma, ao perceber minúscula diferença entre as extremidades direita e esquerda da peça que, rente ao chão, une os pés do móvel. Parecia ser um compartimento secreto.

O desejo de Mila era verificar o interior da descobrira, mas em deferência ao curador do Museu e à equipe de cientistas, chamou-os, relatou o achado, de modo a que decidissem o que fazer. O consenso obtido foi que se abrisse o compartimento, mas se cercando de todo o cuidado para não danificar a peça insubstituível.

Sementes de *Cedrus Libani*. Esse era o conteúdo do compartimento. Algum dos artesãos que esculpiram o Trono Imperial, além de perito em seu mister, foi visionário. As sementes mergulhadas em cera apresentavam excelente aparência, apesar do tempo decorrido. equipe voltou ao trabalho instantaneamente.

Semanas depois, a Universidade em que trabalhavam aqueles pesquisadores, orgulhosamente, apresentava à mídia um viveiro abarrotado de tubetes e em cada um deles, pequenas mudas da árvore recuperada em crescimento. Não só a comunidade científica, mas a população leiga exultava com os resultados do trabalho de salvamento de uma espécie vegetal que se acreditava extinta. Inúmeras publicações descreviam os esforços e as curiosidades em torno daquele evento.

Avançando-se no tempo, é possível avistar nos belos montes libaneses vastas áreas com densas florestas de *Cedrus Libani*, cenário que desperta orgulho, esperança e patriotismo naquela nação.



Espalhadas em diversos pontos dessa área constam placas em diversos idiomas a homenagear e externar especial agradecimento aos brasileiros na pessoa de D. Pedro II, que irmanou povos de dois países e a sua longínqua descendência, também parente de libaneses, a cientista Jamilah Nasiha Alcântara, principal responsável pelo trabalho que devolveu ao Líbano a espécie arbórea tão significativa. Cientistas em todo o mundo têm se inspirado nesse episódio, com o intuito de recuperar outras espécies. Parece que o terreno, agora fértil, reservado às aspirações pessoais por um mundo melhor recebeu sementeira de esperança. Que germine, cresça e floresça.



# Crônicas

## MIQUIM O BILHETE PREMIADO

Dizem que o destino tem mãos finas, mas naquela tarde, ele tinha a cor de um amarelo desbotado. Quando surgiu, ele não era um gato; era um sussurro de vida prestes a apagar. O corpo, uma estrutura frágil de ossos aparentes, sustentava dois olhos imensos que pareciam carregar todo o espanto do mundo. Ele era tão minúsculo, tão insistente em sua pequenez, que Sérgio não teve dúvidas: batizou-o de Miquim. O nome, vindo do carrapato que se agarra à pele no gramado, era uma profecia silenciosa. Miquim não queria apenas sobreviver; ele queria pertencer, fincar raízes, fundir-se à vida daquele que o acolheu.

O tempo, esse escultor paciente, começou a trabalhar. Aquele amarelo pálido, outrora cor de abandono, foi ganhando o viço do sol de meio-dia. As listras surgiram fortes e proeminentes, definindo um tigre doméstico de elegância rara. A gratidão de Miquim foi instantânea, um reconhecimento profundo de quem sabia ter sido arrancado do abismo. A parceria entre os dois tornou-se um ritual sagrado, uma simbiose que ignora as espécies. Miquim tem o mundo lá fora — os cheiros do vento e os mistérios do quintal —, mas nada no horizonte compete com o som do motor do carro de Sérgio chegando do trabalho. Ao ouvir o metal, o felino atravessa o terreno em uma corrida desesperada, um miado urgente que anuncia o fim da saudade.

Dentro de casa, a conexão se transmuta em silêncio compartilhado. Eles são mestres na arte de maratonar existências diante da tela. No sofá, Miquim assume a postura de um deus egípcio, esculpido em devoção, os olhos fixos no rosto de Sérgio, aguardando a senha que abre as comportas do afeto: “Vem, fio... senta aqui com o pai”. E Miquim vai. Ele se derrete no colo, permitindo o toque nas patinhas — esse gesto de entrega absoluta que poucos gatos concedem. É um amor que transborda, um “grude” que faz bem à alma e ilumina o rosto do homem com um brilho genuíno após um dia exaustivo.

Mas é no silêncio do quarto que a parceria atinge sua nota mais alta. Quando as luzes se apagam, Miquim assume seu posto de guarda nos pés da cama. Ali, ele é o sentinela que ancora o descanso. No entanto, a madrugada tem suas próprias exigências. No breu das três da manhã, o instinto de proximidade fala mais alto que o sono. Miquim abandona os pés e inicia uma escalada silenciosa pelo lençol até o travesseiro. Ele não busca comida; ele busca o toque. Com uma patinha de seda e um ronrono que reverbera na alma, ele solicita que o sono de Sérgio seja interrompido pela carícia. E o dono, mergulhado na névoa do cansaço, desperta sem amargura. Ele tateia o escuro, encontra o calor vibrante das listras amarelas e entende que aquele despertar é, na verdade, um lembrete de que nunca mais estará sozinho.

Essa lealdade se estende até as manhãs de preguiça. Nos finais de semana, o mundo pode lá fora despertar com pressa, mas dentro do quarto o tempo é outro. Miquim só aceita levantar da cama no instante em que Sérgio decide se levantar. Ele permanece ali, um guardião do repouso, respeitando o ritmo do seu humano como se o dia só pudesse, de fato, começar após

o primeiro passo dado por ele.

Miquim carrega um defeito muito humano: o ciúme. Embora a casa seja compartilhada com outros gatos, para ele, a existência dos outros é uma interferência em seu reino particular. Ele olha para os companheiros felinos com uma desaprovação silenciosa, guardando o afeto do dono como o tesouro mais raro da terra. Outro dia, uma vidente nas redes sociais sugeria que para ganhar na loteria era preciso pedir ao gato. Ele sorriu em silêncio, sentindo o peso reconfortante de seu amigo. A pobre mulher não entende nada de sorte. Ele olha para Miquim e compreende que o seu grande prêmio não se deposita em bancos, nem se mede em notas; ele se manifesta em um pedido de carinho na madrugada e em um amor que dinheiro nenhum no mundo seria capaz de comprar. No fundo, ele sabia que havia ganhado na loteria no exato dia em que Miquim chegou.

Edson Briato

Minibiografia:

Edson Luiz da Silva Briato é natural de Campo Bom (RS). Licenciado em História e tecnólogo em Marketing, possui especialização em Educação pela Pesquisa. Escritor e entusiasta do fazer literário, encontra na obra da polonesa Wisława Szymborska sua principal fonte de interlocução e inspiração poética.

Instagram: [@wislawase](#)

Foto:



## *O pássaro-preto*



Tem muitos nomes esse pássaro; em cada pedaço do país recebe um nome diferente, prefiro o mais simples, o mais popular, aquele que melhor o descreve: Pássaro-preto!

Em terras mineiras, pássaro-preto é demais pra língua e o mineirinho fala “passo-preto”, dicionário ornitológico nenhum registra, mas serve; dá pra entender.

É lindo! A cor negra é linda! E canta, e como canta, daí o seu problema, extremamente ambicionado por passarinhos sem alma, vive por um fio, podendo cair num alçapão a qualquer momento, daí pra gaiola e adeus liberdade.

O cara que tem a coragem de prender um pássaro numa minúscula gaiola – ainda que fosse grande – não merece ser multado apenas, merece ser engaiolado também, um bom tempo vendo o sol nascer quadrado lhe faria (a ele, ao passarinho) um enorme bem, com tempo pra pensar sobre o mal que fez.

As aves não voam por voar, voam pra procriar, pra alimentar sua família, quando um pássaro é aprisionado, além da perda da liberdade – esse fato aterrador para qualquer ser vivo – toda uma cadeia de vida se quebra, filhotes que aguardavam no ninho com os biquinhos abertos provavelmente morrerão de fome, diferentemente dos homens, a mãe criar seus filhotes sozinha – tornando-se a chefe do ninho - não é natural e a família se esfacelará. Não sou especialista em pássaros, mas como observador / amante da natureza, creio que minha análise amadora é bem por aí. Mais um passo para a extinção!

A relação homem / natureza sempre foi complexa. O homem desde sempre destruiu a natureza (os recursos naturais) com a desculpa de que sem essa destruição não conseguiria sobreviver então, derruba matas, polui rios (suja, canaliza, loteia várzeas, \* “mercuriza” águas,

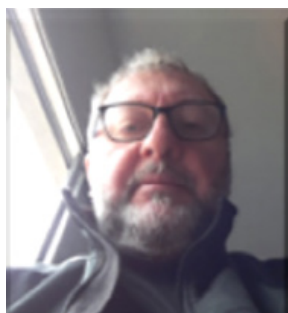
inferniza a vida da fauna aquática e correlatos). Polui o ar, empesteia o ar; dissemina doenças. Mata e mata, do verbo matar, cada vez mais mata.

Claro que tudo isso passa pela sua – dela, a humanidade em sua maioria – ignorância, preservar sempre é possível. Dá trabalho (pensar, planejar dá trabalho), aparentemente fica mais caro, mais difícil, mas não, com o correr do tempo a preservação só traz lucros para todos em todos os sentidos, mas como mudar a natureza destruidora da – em sua maioria – humanidade?

Só por Deus!

Bom, comecei com o pássaro-preto, divaguei, e deixei o coitadinho lá preso no início do texto, mas “preso” só na fotografia o único lugar (mídias eletrônicas) onde se pode “prender” um passarinho.

\*Essa palavra não está dicionarizada, a criei para ilustrar o ato de lançar mercúrio nos rios para a extração de ouro.



Sobre o autor: natural de Andradas MG; Psicanalista, Teólogo Escritor, Empresário. Diversos trabalhos publicados em jornais, revistas, livros, sites, teatro. 05 filhos, um menino e 04 meninas.

Livros publicados: “Sobre a Terra”, “Paris, Minas”, “Segurança do Trabalho - um jeito novo de viver”, “Os bichos”, “Sobre todas as cores”, “Contrastes”, “São Paulo Minha Cidade. com”, “Eldorado”. Contatos: [slramos224@gmail.com](mailto:slramos224@gmail.com)

## Toyo

Tivemos vários gatos, Mochê, Bola, Irmã, Biscoito, Chiquinho e o Toyo. Certa noite, ouvi miados de um filhote de gato. Na manhã seguinte, fui à procura do gatinho. Procurei pela área de lazer, onde tinha a churrasqueira, uma grande mesa e bancos, a geladeira e dois armários de madeira. Ouvia o miado baixo até que encontrei o gatinho escondido atrás de um dos armários. Foi um pouco difícil pegá-lo, mas oferecendo um pote contendo leite, ele saiu do esconderijo e acabou acostumando conosco e nós com ele. Demos o nome de Toyo. Ele era muito brincalhão e dizíamos que ele era um “maluquinho”. Corria pela casa, não deixava o Biscoito em paz e vira e mexe encontrávamos tufo de pelos do Biscoito. À noite era comum ouvirmos o barulho do Toyo correndo sobre o piso de assoalho de madeira da casa. De madrugada desaparecia e saía para a rua no bairro que era totalmente cercado. Assim, não tínhamos preocupações sobre o seu possível desaparecimento. Perto das seis da manhã, ouvíamos o seu miado que anunciava o seu regresso para casa e dormia a manhã toda. Ele foi crescendo e sempre fazendo as maluquices dele. Quando tinha completado doze anos, mudamos todos para a cidade de Gramado, no Rio Grande do Sul, deixando a cidade de Rio Claro, no interior de São Paulo. A viagem dos quatro gatos e duas cachorras foi feita em uma van, cuja viagem demorou dezessete horas. Construimos a casa em função deles, os gatos ocupando a sala, o quarto e o gatil externo totalmente telado com o chão gramado. As cachorras, por sua vez, ficavam na cozinha e na área externa, e dormiam no canil. Após quatro anos morando em Gramado, percebemos um inchaço na pata dianteira esquerda. Após visita ao veterinário e exame de Raio-X, o diagnóstico foi de câncer e seria necessário a remoção completa do membro. Ficamos arrasados, mas a cirurgia foi bem sucedida e Toyo voltou para casa. Ficamos despreocupados, quando após um tempo percebemos que ele nem sentia a falta da pata dianteira, com três patas continuou fazendo as maluquices não deixando o Biscoito em paz. Depois de dois anos sobrou somente o Toyo, todos morreram na velhice, Moche e Bola com dezoito anos e Biscoito com dezesseis para dezessete anos. Toyo ainda viveu por mais um ano vindo a morrer, deixando muitas saudades de suas maluquices e companheirismo.

Massanori Takaki

Escritor e roteirista, graduado pela UNICAMP, com pós-graduação pela UNIFESP, doutorado sanduíche na Universidade de Newcastle-upon-Tyne, Inglaterra, e pós-doutorados na Universidade de Wageningen, Holanda. Lecionou na UNESP. Tem Lato sensu em Cinema e Linguagem Audiovisual e em Jornalismo Digital pela UNESA.



# Ensaaios

A proposição de que a verdadeira divisão social não opõe pobres a ricos, mas explorados a exploradores, possui uma força crítica inegável, haja vista que ela desloca a análise do sintoma para o mecanismo, da superfície distributiva para a estrutura das relações de produção. Esse deslocamento, tributário da tradição marxiana, constitui um gesto intelectual consequente da teoria social moderna, na medida em que recusa a naturalização da desigualdade como dado e a restitui ao domínio das relações históricas de poder. Contudo, a substituição de um binarismo por outro, ainda que o segundo seja analiticamente superior ao primeiro, não resolve o problema epistemológico de fundo que afeta qualquer dicotomia aplicada à inteligibilidade do social, a saber, a redução de uma realidade pluridimensional, contraditória e historicamente específica a dois polos mutuamente exclusivos. É precisamente essa tensão, entre o avanço real que o par explorado/explorador representa e suas insuficiências constitutivas, que o presente ensaio se propõe a examinar, sem o conforto de uma síntese definitiva, mas com o rigor que a questão exige.

A dicotomia pobre/rico opera no registro da distribuição e possui uma insuficiência que é, ao mesmo tempo, metodológica e ideológica. Metodologicamente, ela descreve estados sem explicar processos, classifica indivíduos segundo sua posição em uma escala de renda ou patrimônio sem interrogar os mecanismos pelos quais essas posições são produzidas e reproduzidas. Ideologicamente, ela é funcional ao sistema que pretende criticar, porque ao enquadrar a desigualdade como problema de “quanto se tem”, e não de “como se produz e quem se apropria”, ela mantém intacta a premissa liberal de que o mercado distribui de modo neutro e que as posições individuais resultam de mérito ou esforço. Nesse sentido, a crítica marxiana que substitui essa categoria pela lógica da exploração realiza uma operação de desnaturalização que permanece politicamente necessária, pois revela que a riqueza do explorador e a pobreza do explorado não são posições paralelas em uma escala comum, mas posições relacionalmente constituídas, uma é condição de existência da outra.

No entanto, a teoria marxiana clássica carrega em sua própria estrutura tensões que precisam ser nomeadas se se pretende aplicá-la com rigor ao capitalismo contemporâneo. A mais evidente delas é a hipótese de polarização de classes, Marx (2023) previa que o desenvolvimento do capitalismo industrial levaria à progressiva proletarização das posições intermediárias, condensando a estrutura social em dois grandes blocos antagônicos. Porém,

essa predição não se verificou, o século XX assistiu à expansão das chamadas novas classes médias assalariadas, dependentes do salário, mas dotadas de capital cultural, social e, em muitos casos, de patrimônio acumulado, cuja posição nas relações de produção resiste à binarização. Poulantzas (1975) identificou esse impasse ao propor o conceito de “nova pequena burguesia”, mas a solução que oferece não dissolve a tensão, ela a nomeia, o que já é um avanço, mas não é suficiente para um contexto em que a heterogeneidade da estrutura de classes se aprofundou consideravelmente. A questão que emerge, deste modo, não é se a exploração existe, ela existe e é demonstrável, mas se a díade explorado/explorador é capaz de capturar, sem distorção significativa, a complexidade das posições intermediárias, contraditórias e fluidas que o capitalismo tardio prolifera.

A essa dificuldade se soma o fenômeno da propriedade difusa de capital, que o desenvolvimento dos fundos de pensão, dos mercados de ações acessíveis e dos mecanismos de capitalização coletiva introduziu de modo estrutural. Milhões de trabalhadores assalariados são, simultaneamente, coproprietários indiretos de capital que explora outros trabalhadores. Um servidor público cujo fundo de previdência complementar detém participações em empresas de mineração ou agronegócio ocupa, ao mesmo tempo, a posição de explorado, como vendedor de força de trabalho, e a de beneficiário indireto da exploração de terceiros. Esse fenômeno não dissolve as assimetrias fundamentais de classe, mas embaraça a nitidez do binarismo de modo que não pode ser descartado como exceção marginal. A díade perde, aqui, sua capacidade de funcionar como espelho fiel das posições objetivas, ainda que preserve seu valor como descrição das tendências estruturais dominantes.

O problema se agudiza quando se considera o capitalismo cognitivo e o trabalho imaterial. A teoria marxiana da mais-valia foi construída a partir do trabalho fabril mensurável, horas de trabalho, unidades produzidas, diferença entre valor produzido e salário pago. Quando o principal ativo produtivo é o conhecimento, a criatividade, a capacidade relacional ou a atenção do trabalhador, ativos que não se separam do sujeito que os porta e que se recusam à lógica da quantidade homogênea, a mensuração da exploração se torna consideravelmente mais opaca. Isso não invalida o conceito de exploração, demonstra, antes, que ele necessita de reconfiguração conceitual para continuar operativo no registro em que foi forjado. O risco de não realizar essa reconfiguração é o de aplicar categorias do século XIX a fenômenos do século XXI, obtendo diagnósticos que são simultaneamente corretos em sua intuição fundamental e imprecisos em sua operacionalização.

Existe, entretanto, uma tensão ainda mais fundamental que as anteriores, e que se torna evidente quando o marxismo europeu clássico é deslocado do contexto para o qual foi construído, o capitalismo industrial inglês do século XIX, e aplicado às formações sociais periféricas da

América Latina. Essa tensão não é uma limitação contingente que poderia ser corrigida por ajustes metodológicos, mas é constitutiva da matriz epistemológica em que a díade explorado/explorador foi originalmente forjada. Quijano (2014) demonstrou, com rigor incontornável, que a incorporação da América Latina ao capitalismo mundial não se deu mediante a simples expansão do modo de produção europeu, mas mediante a articulação, estruturalmente necessária e não meramente contingente, entre exploração econômica e classificação racial da população. A raça, enquanto categoria social inventada no processo colonial, não é um epifenômeno superposto às relações de classe, ela é um dos eixos constitutivos do poder que organiza, desde o início, quem pode ocupar quais posições na divisão do trabalho e sob quais condições. Ignorar essa dimensão não é apenas uma imprecisão descritiva, mas uma operação de apagamento epistemológico que reproduz, no plano da teoria, a invisibilização que o colonialismo operou no plano histórico.

Cusicanqui (2010) radicaliza essa perspectiva ao propor que as subjetividades coloniais são constituídas por uma simultaneidade contraditória irreduzível a qualquer binarismo, o que ela denomina “ch’ixi”, um estado de coexistência de contrários que não se resolve em síntese dialética. O trabalhador indígena ou afrodescendente na periferia latino-americana não é simplesmente explorado no sentido da mais-valia, ele é subalternizado ontologicamente, tem sua humanidade disputada, e carrega marcas históricas que não desaparecem com a modificação das relações formais de propriedade. Essa condição não cabe na díade explorado/explorador porque excede o registro econômico no qual ela foi construída. Marini (2024), operando a partir da teoria da dependência, identificou nessa especificidade periférica um mecanismo econômico próprio, a superexploração da força de trabalho, que distingue o capitalismo latino-americano do capitalismo central não apenas em grau, mas em natureza, uma vez que nos países dependentes, a força de trabalho é sistematicamente remunerada abaixo de seu valor de reprodução como condição estrutural da acumulação, e não como disfunção transitória. Essa categoria, a superexploração, não é uma variante da exploração marxiana clássica, mas uma categoria distinta que nomeia uma lógica específica da acumulação periférica. Sua ausência dos modelos analíticos que se limitam à díade explorado/explorador produz uma cegueira sistemática diante das particularidades do capitalismo do Sul Global.

A essas tensões de longa duração somam-se as transformações introduzidas pelas novas morfologias do trabalho no capitalismo de plataforma. A uberização, enquanto modelo de organização do trabalho mediado por algoritmos proprietários, realiza uma operação ideológica de considerável sofisticação, pois o trabalhador em posição estruturalmente explorada é interpelado como empreendedor autônomo, como gestor de si mesmo, como sujeito de seu próprio negócio. Trata-se da transferência dos riscos da produção para o trabalhador sem a correspondente transferência do controle sobre o processo produtivo. O trabalhador suporta

a incerteza, absorve as perdas, mantém e deprecia seus próprios meios de produção, e ainda assim não determina os preços, não controla os algoritmos de distribuição de demanda e não tem acesso às condições gerais do mercado em que opera. Do ponto de vista da díade explorado/explorador, esse fenômeno apresenta uma perversidade analítica específica, a saber, a exploração é objetivamente real, mas subjetivamente invisibilizada pela narrativa do empreendedorismo. A dicotomia permanece válida como descrição estrutural e perde eficácia como categoria de identificação e mobilização política, o que não é um mero detalhe secundário, dado que a funcionalidade política das categorias analíticas não pode ser separada de sua funcionalidade descritiva sem que se pague o preço da abstração estéril.

Esse ponto conduz a uma dimensão que a teoria social crítica de tradição marxiana frequentemente subestima, o papel dos sistemas de comunicação e dos regimes de visibilidade na produção, reprodução e contestação das categorias com que a sociedade se representa a si mesma. A narrativa meritocrática, enquanto dispositivo ideológico hegemônico, não opera apenas no plano das ideias abstratas, mas é produzida, circulada e consumida por sistemas de comunicação concretos – mídias massivas, plataformas digitais, instituições educacionais – que possuem estruturas de propriedade, lógicas de distribuição e critérios de relevância historicamente determinados. Rancière (2000) nomeia esse processo como “partilha do sensível”, a distribuição do que é visível, dizível e inteligível em uma formação social, que precede e condiciona qualquer debate político sobre a desigualdade. Quando as narrativas dominantes enquadram a desigualdade como problema de mérito individual, elas não estão simplesmente distorcendo uma realidade objetiva preexistente, estão participando ativamente da construção de um regime de inteligibilidade no qual certas descrições da realidade social se tornam impensáveis. A dicotomia explorado/explorador, nesse contexto, é não apenas uma categoria analítica, mas um ato político de nomeação que compete com outros atos de nomeação, e que pode perder esse braço-de-ferro não por ser falsa, mas por ser invisibilizada.

Bourdieu (2011) demonstrou, em seu estudo sobre a distinção social, que as posições na estrutura de classes não se expressam apenas em termos econômicos, mas se inscrevem em disposições corporais, gostos, práticas culturais e estilos de vida que funcionam como marcadores de diferença e mecanismos de reprodução das posições sociais. A implicação metodológica desse argumento para o debate em questão é direta, visto que a fronteira entre explorado e explorador não é apenas econômica, ela é também cultural, simbólica e comunicacional. Reduzir a análise ao registro econômico, mesmo quando se abandona a categorização distributiva em favor da relacional, é perder de vista as dimensões através das quais a exploração se naturaliza, se legitima e se torna não apenas tolerada, mas frequentemente desejada por aqueles que dela são vítimas.

O que se depreende desse percurso não é a invalidade da díade explorado/explorador, mas a sua insuficiência constitutiva quando tomada como categoria única ou como substituto definitivo de outras formas de inteligibilidade do social. A superioridade analítica dessa díade sobre a categorização distributiva pobre/rico é real e não deve ser minimizada, ela revela mecanismos estruturais que permanecem obscuros enquanto o olhar se fixa nos sintomas. Entretanto, sua aplicação ao capitalismo contemporâneo, e em especial às formações sociais periféricas da América Latina, exige que ela seja articulada com categorias que operem em registros que ela, sozinha, não alcança, nomeadamente a colonialidade como eixo constitutivo das relações de poder, a superexploração como especificidade da acumulação dependente, a morfologia fragmentada do trabalho contemporâneo como desafio às identidades de classe clássicas, e os regimes de comunicação e visibilidade como dimensão ativa na produção das representações sociais.

A teoria social crítica produzida a partir do Sul Global tem, nesse contexto, uma responsabilidade epistemológica que vai além da aplicação criativa de marcos teóricos forjados em outros contextos, pois deve construir categorias a partir das especificidades das realidades que investiga, sem ceder nem ao universalismo abstrato que apaga as diferenças históricas, nem ao particularismo que renuncia à comparação e à generalização. Isso não é provincianismo acadêmico, é condição de rigor, porque o risco simétrico de qualquer binarismo, seja ele distributivo ou relacional, é o de que a elegância da oposição produza clareza às custas da verdade.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.
- MARINI, Ruy Mauro. Dialética da dependência e outros escritos. In: TRASPADINI, Roberta; STÉDILE, João Pedro (orgs.). *Ruy Mauro Marini: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2024.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2023.
- POULANTZAS, Nicos. *As classes sociais no capitalismo de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140507042402/eje3-8.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2026.

RANCIÈRE, Jacques. *Le partage du sensible: esthétique et politique*. Paris: La Fabrique, 2000.

Ramsés Albertoni é Professor da Faculdade de Comunicação da UFJF, Pesquisador de Pós-doutorado em Comunicação (PPGCOM-UFJF), Pós-doutor em Artes (PPGCA-UFF), Doutor em Artes (PPGACL-UFJF)

MORE  
CATS  
FROM  
IRELAND



Louis Wain.

When Terence sells his pair of pigs, he means to beg of Rose  
(You see her at the window) to be Mrs. Tabbytoes!

# Poemas

---

## **Aquela chuva**

Distraída, passo a escutar,  
Lá fora algo cai sem parar.  
Começa alta, é forte e rápida,  
Vou ficando ansiosa e pálida.

Do telhado vai para o chão,  
Para uns é uma benção.  
Para outros, não traz coisas boas,  
Já que afeta tantas pessoas.

Mas veja, para o meu descanso,  
Foi breve, o tempo ficou manso.  
Ela diminuiu e lentamente,  
Tornou-se uma garoa decrescente.

**Amanda Laurentino**

Sobre a autora:

Amanda é natural de São Paulo e reside na Zona Leste da cidade. Bacharel em Jornalismo, Técnica em Biblioteconomia e em Museologia, tem uma pesquisa reconhecida intitulada “Racismo e Classe Social no Jornalismo Policial - Como os programas televisivos alteram a abordagem de acordo com o personagem do acontecimento”. Possui habilidades em análise de discurso, análise de conteúdo e conservação e preservação de patrimônio cultural. Desde muito cedo nutre um forte interesse pela pintura e desenho (lápis e aquarela com café), e a escrita, em especial a poesia.

[amands.cl@hotmail.com](mailto:amands.cl@hotmail.com) e instagram: @amandaclaurentino



**Liberdade ao passarinho**

Liberdade ao passarinho,  
que bate as asas triste.  
Ele quer voltar ao ninho  
levando no bico o alpiste.

Foi apenas buscar comida  
pra alimentar o filhote,  
armadilha de caixote  
impediu-o da partida.

Coitado do passarinho,  
era leve, solto e livre.  
Agora está preso – oh, dor!  
por maldade e desamor.

Não pretende ser famoso  
como os versos da canção:  
*“Passarinho na gaiola  
feito gente na prisão”*.

Liberte o passarinho,  
faça isso com carinho.  
Precisa só da sua mão  
pra lhe dar libertação.

Tenha pena do bichinho.  
Ele quer voltar ao ninho  
sem fugir como um ladrão.  
A cria, precisa atenção.

Devolva-o à natureza,  
faça isso com amor.  
Será grato com certeza,  
e não o achará malfeitor.

*Bernardo Santos*, 62, aposentado, natural de Cristais – MG, residente em São Caetano do Sul – SP. Têm publicações em antologias, jornais, revistas impressas e digitais, além de premiações e menções honrosas em concursos literários no Brasil e Portugal. Seu último trabalho solo é o romance histórico *O aluno do Passado* (e-book Amazon, 2022). As participações mais recentes estão no *Dossiê Eros – Vol. II* (FênixArt/Curitiba-PR), *1.ª Coletânea de Textos Rejeitados* (Artistas BR/RJ), *Varal Literário – Coletânea de Obras Recebidas* (Escola do Legislativo/Divinópolis-MG), *Epifanias: Antologia Poética e Literatura Animalista* (Cleópatra Cartonera/Aracruz-ES), nas revistas *LiteraLivre 57*, *SerEsta 17* e *Barbante 172*.

[www.bernardosantos.com.br](http://www.bernardosantos.com.br)



## Mini cordel do nascimento do Boizinho



*Sê bem-vindo, Bumba-Meu-Boi Encantado de Santa Teresa*

Ontem nasceu mais um Boi

E logo foi batizado

Honrando Santa Teresa

Ganhou nome de Encantado

Nasceu em Festa Junina

Saudou menino e menina

Já deixando seu legado

Tal Boizinho carioca

Veste preto reluzente

Vive subindo ladeiras

Testa tem Lua crescente

Teve sua inspiração

Nos bumbas do Maranhão

E encanta toda gente

## Elidiomar Ribeiro da Silva

elidiomar@gmail.com

@elidiomar.ribeiro

**Sobre o autor:** Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre e doutor em Ciências Biológicas (modalidade Zoologia) pelo Museu Nacional/UFRJ. Professor e pesquisador do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), é responsável pelo Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural, onde desenvolve projetos de pesquisa e extensão relacionados à zoologia cultural. É criador e organizador do *Colóquio de Zoologia Cultural* e da *Mostra de Biologia Cultural*, editor-adjunto da revista *A Bruxa*, editor do zine *Homem-Leoa*. Além de zoólogo por profissão, é desenhista, contista, cronista, cordelista, haicaísta, poeta, zineiro e flamenguista amador.



## A GATA BELINHA

Fernanda Viannay Siqueira

A gata belinha  
É bem danadinha  
Faz muita bagunça  
Do nada se assusta

Desfila pela casa o dia inteiro  
Ocupa os espaços e todo o lugar  
Quando chega visita  
Ela não exita em se esconder  
Embaixo da manta, do armário ou do sofá

Não tem frescura  
Não liga para brinquedos comprados  
Se satisfaz com bolinha de papel  
Ama barulho de plástico

Na janela espia  
Os passarinhos a voar  
Gosta de carinho  
Da dona no sofá

É companheira de todas as horas  
É arisca que só ela  
Nem sempre sabe brincar  
Morde e quando consegue arranha  
Seu miado é de encantar.



Zé Alfredo

Gato preto não dá azar

Prova disso é o Zé no nosso lar

Ele gosta de colinho

E vem todo feliz receber carinho.

Com suas mordidinhas de amor

E a presença que cura a dor,

Com leveza e curiosidade

Arranca sorrisos e traz tranquilidade

Pequeno ser

Criação divina para nos surpreender.

Um gato é mais do que companhia

É parte da nossa família.

Iteuane Casagrande, capixaba, vivendo em Berlim. Formada em pedagogia, participante de antologias com poemas e contos, microcontos e crônicas.

Apaixonada pelo mundo das palavras, escreve desde a adolescência. Sua inspiração provém das pessoas com quem convive, dos momentos de saudade, das histórias que lê ou vive e de tudo aquilo que toca seu coração.

Instagram: @entrepalavraserimas.iteuane

Na foto, a autora e o Zé Alfredo, um gatinho que ela cuida, enquanto a mãe viaja.



João Vittor Gomes Firmo

*Haikais*

Uma mosca pousa  
na minha xícara quente —  
visita volátil.

No terreno plano,  
ela anda com esforço —  
abelha nas mãos.

As mãos feridas  
trazem marcas dos ataques —  
formigas raivosas.

## BIOGRAFIA

João Vittor Gomes Firmo é Licenciado em Letras: Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mediador de leitura, poeta, contista, cronista e haijin. Na atualidade, realiza Mestrado em Língua Portuguesa na UFRJ. A trajetória como artista da palavra teve início em 2014, e as suas escrituras integram revistas literárias (*Artes do Multiverso*, *Barbante*, *Lagamar* e *Viagem Literária*) e plataformas de divulgação artística (como o *Blog Relicário*, do CPII - *Campus* Duque de Caxias, e o perfil da *Torre de Babel*, projeto de extensão da Faculdade de Letras da UFRJ, no *Medium*). Além disso, teve poemas selecionados para compor antologias de âmbito nacional (*Editora Pangeia*, *Grupo Editorial Hope* e *Grupo Nacional de Estudantes de Filosofia - GNEFIL*) e internacional (*Instituto Cultural de Évora - ICÉ*). Enquanto haijin, desde 2024, atua como membro do Núcleo de Haikai do Instituto Cultural Brasil-Japão (NHICBJ) e foi um dos aprovados no 2º Concurso Literário @haikai.brasil e na chamada da Editora Persona para a coletânea “Haicais e Tankas 2025”. No que diz respeito às comunicações poéticas, as apresentações de textos autorais foram acolhidas por instituições como o Colégio Pedro II (CPII), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o Museu Nacional/UFRJ, o Instituto Cultural Brasil-Japão (ICBJ), o Consulado Geral do Japão no Rio de Janeiro e a Academia Brasileira de Letras (ABL). Contato: vittorfirmino@letras.ufrj.br.



Fonte: Aline Gomes e Luana Gomes, 2025

Joema Carvalho é engenheira florestal, doutora e escritora. Autora dos livros Crônicas de Uma Jornada Florestal (2024) e Luas & Hormônios (2010; 2020), coautora do livro Entre Botânicas Decoloniais: As frutas silvestres de H. D. Thoreau e as frutas brasileiras (2022), organizadora e autora do Tuíra eBook (2020) e impresso (2022). Colunista do Facetubes. Participou de coletâneas nacionais e internacionais e de projetos literários. Membro da Academia Poética Brasileira – APB e da Academia Brasileira de Letras Seccional Paraná-ABL.

## QUE TAMANHO PRECISA TER?

Joema Carvalho

que tamanho precisa ter  
para alcançar o voo duma harpia  
plainar como os abutres?

que tamanho precisar ter  
para fluir no mar  
no canto dum delfim?

que tamanho precisar ter  
para nos enfeitiçar  
com o voo dum beija-flor  
revoado dos papagaios-charão  
de-cara-roxa

que tamanho precisa ter  
para se organizar feito cupim  
os labirintos dum formigueiro?

mimetizar com as folhas  
em decomposição  
nas sinapses dos micélios  
bacurau

que inteligência precisa ter  
para deduzir a fórmula de deus  
na precisão das relações da vida  
onde tudo é cíclico  
e uno?

Contato:

[https://www.instagram.com/joemacarvalho\\_literatura](https://www.instagram.com/joemacarvalho_literatura)

<https://www.facebook.com/joema.literatura>

Livro da autora

Luas & Hormônios

<https://www.amazon.com.br/Luas-Horm%C3%B4nios-Joema-Carvalho-ebook/dp/B08P1Z987P>

Crônicas de Uma Jornada Florestal (em português e em espanhol)

<https://caravanagrupoeitorial.com.br/produto/cronicas-de-uma-jornada-florestal/>

<https://caravanagrupoeitorial.com.br/produto/cronicas-de-una-jornada-florestal/>



## Cuidar dos animais

Olhar profundo, alma que sente  
Vida que pulsa, igual a gente  
Não são pedaços em nosso prato  
São companheiros de livre trato

Chega de dores, chega de luto  
A terra oferece o seu fruto  
Mudar o hábito traz salvação  
Respeito vivo no coração

Sentir a paz que vem da escolha  
Ver a beleza em cada folha  
Olhar o bicho com compaixão  
Trocar o garfo pela afeição

O amor protege, cura e abriga  
Faz da existência grande amiga  
Salvar a vida, negar o fim  
Cuidar do mundo que vive em mim

## Nossas escolhas

Amigo bicho que corre ao vento  
Não é produto, tem sentimento  
Sua existência não é comércio  
Seu sofrimento não é um mérito

Olhos que pedem apenas paz  
A dor humana já não refaz  
Pratos repletos de terra viva  
Trazem a escolha que nos cultiva

Grãos e sementes, cores da horta  
Abrem o fluxo de uma nova porta  
Nenhum gemido por nosso sustento  
Apenas vida em livre movimento

Dar o carinho, estender a mão  
Fazer do afeto nossa missão  
Quem ama poupa, protege e abraça  
Deixa a criatura viver em graça

## Troca de amor

Bate no peito o mesmo pulsar  
Nenhum focinho nasceu pra sangrar  
Olhar inocente que pede clemência  
Clama ao humano por mais consciência

A mesa farta de cor e semente  
Nutre a vida de forma consciente  
Cessa o consumo que gera o lamento  
Nasce o respeito em cada momento

Trocar a faca por um afago  
Ver o alívio no rastro que trago  
Acolher a ave, o boi e o cordeiro  
Ser no planeta um par verdadeiro

Amar a terra e quem nela habita  
Salvar a alma que o corpo habita  
O prato limpo de dor e agonia  
Faz do amanhã uma nova alegria



### **Uma minibiografia**

Karla Oliveira, @catoli54, é poeta e escritora. Pedagoga, Psicanalista, pós graduada em Psicoterapias, Neuropsicopedagogia, Sociologia, Filosofia, entre outras. Autora dos livros Faremos Amor, O vazio faz..., Condenada à vida, A Psicanálise Nua e Perversidades na Educação do Brasil. Faz parte do Coletivo Escrevientes, @coletivoescrevientes, e do Movimento Neomarginal, @neomarginais. Com escritos em Antologias e Revistas literárias, no momento dedica-se a uma nova obra de poemas e a uma sobre a Sociedade brasileira.

## *Tempestade de amor*

*Karla Oliveira @catoli54*

*Olho teus movimentos suaves no espaço  
uma dança leve que me prende a atenção  
Há uma urgência mansa no teu abraço  
que domina o ar e rouba minha respiração*

*Toco sua boca com a ponta dos dedos  
um traço leve antes do colapso  
Teu beijo cala todos os meus medos  
mas incendeia a alma com força e impacto*

*Fecho meus olhos para reter o instante...  
a escuridão amplifica a pele que queima  
Sinto sentimentos de um amor gigante  
que nos inunda, transborda e teima*

*É a força de uma tempestade inteira  
que deságua mansa na nossa calmaria*

Parte de mim é silêncio e raiz

Que o tempo levou

História desse país

Que a memória guardou

Outra parte é vento

Voo de passarinho

Bailando em cada momento

Em um novo caminho

Karla Oliveira @catoli54

Que a gente não perca a doçura do passo

E sinta o amor no caminho

Mesmo no absurdo

Que a gente não perca

a coragem de ser passarinho

Karla Oliveira @catoli54

O amanhã não aceita a terra colonizada

Na doce suavidade que o tempo guardou

a alma emancipada já foi despertada

É a força ancestral que nunca se apagou

Karla Oliveira @catoli54

As águas dos rios eram só festa

antes vivas eram corredeiras

Hoje choram por sua floresta

e a liberdade das cachoeiras

Karla Oliveira @catoli54

**Não é o que tenho**

**é o que faço**

**a vida que levo**

**o meu abraço**

**O que deixo é semente**

**o legado presente**

**O resto é pó**

**É esquecido**

**Ausente**

Karla Oliveira @catoli54

*Estamos cheios*

*Das coisas vazias do mundo*

*Vidas em devaneios*

*Fragmentos de um segundo*

Karla Oliveira @catoli54



### **Uma minibiografia**

Karla Oliveira, @catoli54, é poeta e escritora. Pedagoga, Psicanalista, pós graduada em Psicoterapias, Neuropsicopedagogia, Sociologia, Filosofia, entre outras. Autora dos livros Faremos Amor, O vazio faz..., Condenada à vida, A Psicanálise Nua e Perversidades na Educação do Brasil. Faz parte do Coletivo Escrevientes, @coletivoescrevientes, e do Movimento Neomarginal, @neomarginais. Com escritos em Antologias e Revistas literárias, no momento dedica-se a uma nova obra de poemas e a uma sobre a Sociedade brasileira.

## Tempo

O tempo de Deus  
é diferente do nosso.  
Esse tempo tem  
preparo no processo.

Deus guia.  
Deus prepara.  
Capacita e  
amadureça.

Não quero viver  
nada antes.  
Pois Deus  
já tem hora marcada.

Hoje você não  
entende o processo.  
Amanhã você ver  
o propósito cumprir.

O tempo de Deus  
é perfeito.  
Vale apenas  
crer e confiar.

## **BIOGRAFIA:**

Liécifran Borges Martins é uma compositora, escritora, parodista e poetisa Brasileira. Formada Técnica em Química pelo Instituto Federal do Espírito Santo IFES. Membro da academia interamericana de escritores (AINTE) com patronesse Ruth Guimarães ocupando cadeira de número 39 De 2023 a 2025. Começou a escrever em seus 14 (quatorze) á (quinze) anos de idade. Ganhadora de vários títulos literários em diversas regiões, estados e municípios do Brasil e também internacional. Participa de diversos concursos literários como revistas, antologias e coletâneas. Em 2024 foi ganhadora XXI congresso brasileiro de poetas trovadores a ser realizado em venda nova do imigrante ES.

INSTAGRAM: @liecifranborgesmartins



Pets

São lindos

São incríveis

São legais

São invencíveis

São parceiros

São eternos

São brincalhões

São espertos

São divertidos

São extrovertidos

São melhores amigos

São conselheiros .

Não reclamam

Não te abandonam

Não te irritam

São belos

São românticos

São atenciosos

São protetores

São geniosos

São ciumentos

São fiéis

São leais

São filhos

São herdeiros

São companheiros .

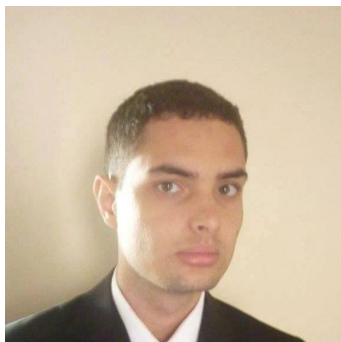
Vem de presente

Vem com amor

Vem de amizade  
Vem com carinho  
É cura para o doente  
É auxílio para quem está perdido  
É salvação para quem está aflito  
É alegria para quem está triste.  
Vive no mínimo quinze anos  
Mas são os mais felizes da sua vida  
Porque nem a morte e nem o tempo  
Muito menos o espaço  
Quebram os laços e as lições  
Que conectaram pai e filho  
Ao longo da vida e ao longo do tempo  
Nas idas e vindas de todos os momentos  
Com muitos sentimentos.  
São ajudantes  
São jardineiros  
Tem plano de saúde  
E sabem explorar também  
Como verdadeiros forasteiros  
Deixam marcas que nada fazem sumir  
São calorosos como ninguém nunca viu  
Somem para procriar  
E a sua família aumentar e se multiplicar  
E o eterno amor e amizade  
para sempre reinar e sempre triunfar.

Renan Oliver

## Biografia



RENAN OLIVER

E-MAILS: [renanfondelo3@gmail.com](mailto:renanfondelo3@gmail.com) \ [renanfondeloo@gmail.com](mailto:renanfondeloo@gmail.com)

MÍDIAS SOCIAIS: facebook : renanoliver2015 \ youtube : renanoliver2890

Escreve desde os quinze anos, ama ler e escrever, já participou de outras antologias poéticas, tem um canal literário no youtube onde fala dos livros que já leu, poemas que já escreveu e das antologias poéticas que já participou. É formado em letras e pedagogia.



**Louis Wain**  
**Inglês, 1860–1939**

Louis William Wain foi um artista inglês mais conhecido por seus desenhos de gatos e gatinhos antropomorfizados, ou seja, retratados com características e comportamentos humanos.

Wain nasceu em Clerkenwell, Londres. Em 1881 vendeu seu primeiro desenho e, no ano seguinte, deixou seu cargo de professor na Escola de Arte do Oeste de Londres para se dedicar integralmente à carreira de ilustrador. Casou-se em 1884, mas ficou viúvo apenas três anos depois.

Em 1890, mudou-se para a costa de Kent com sua mãe e suas cinco irmãs. Com exceção de três anos passados em Nova York, permaneceu ali até que a família retornou a Londres em 1917. Em 1914, sofreu um grave ferimento na cabeça em um acidente com um ônibus coletivo. Dez anos depois, foi oficialmente diagnosticado com transtornos mentais e internado. Passou os quinze anos finais de sua vida em hospitais psiquiátricos, onde continuou desenhando e pintando. Algumas de suas pinturas abstratas mais tardias são consideradas precursoras da arte psicodélica.

Louis Wain produziu centenas de desenhos e pinturas por ano para revistas, periódicos e livros, incluindo a publicação "**Louis Wain's Annual**", que circulou entre 1901 e 1921. Sua arte também apareceu em cartões-postais, anúncios publicitários e outros materiais impressos. Além disso, aventurou-se brevemente na cerâmica e na criação de desenhos animados.

Apesar de sua enorme popularidade e de sua impressionante produção artística, Wain nunca se tornou rico. Isso ocorreu, possivelmente, porque vendia suas obras por preços baixos, abria mão dos direitos autorais de seus trabalhos e também porque sustentava sua mãe e suas cinco irmãs.

Hoje, Louis Wain é lembrado como um dos mais originais ilustradores da Inglaterra, especialmente por seus gatos expressivos, divertidos e humanizados, que conquistaram leitores e admiradores em todo o mundo.

Parte superior do formulário

Parte inferior do formulário



# Expediente

# Expediente

Revista Barbante  
Vol. I - Nº 05 - 07 de junho de 2026

ISSN 3086-3961

Periodicidade: Mensal

Editora-chefe

*Rosângela Trajano da Silva*

Editora-adjunta

*Janiara de Lima Medeiros*

Revisão

*Dos autores*

Conselho editorial

*Maria Reilta Dantas Cirino*

*Shirlene Santos Mafra Medeiros*

*Maria Emília Monteiro Porto*

Webmaster/Webdesigner

*Danda Trajano*

Ilustrações

*Louis Wain*

Autor corporativo

Rosângela Trajano

Natal – Rio Grande do Norte

\*\*\*\*\*

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

